



REQUIEM EM RÉ MENOR, OP. 48,
DE GABRIEL FAURÉ

Santuário de Nossa Senhora da Paixão, Arnal, Carrazeda de
Ansiães

12 de Abril de 2025 – 17h30

Grupo Instrumental e Vocal da Ópera na Academia e na Cidade

Tolemia's Consort

Raquel Pedra, Soprano

Manuel Flores Palacios, Barítono

Sonia Bouzada Pérez, Direção Musical

NOTAS DE PROGRAMA

Requiem em Ré menor, Op. 48, de G. Fauré

Quando Gabriel Fauré aborda o género da Missa de Requiem, em 1887 (desconhece-se a motivação que esteve por detrás da escrita da obra), a música francesa tinha já uma longa tradição de composições musicais sobre o texto latino da Missa de defuntos. Só para nos cingirmos ao século XIX, são de destacar: os dois de Luigi Cherubini (de 1817 e 1836), o de Hector Berlioz (1835-37), os de Charles Gounod, seu colega mais velho e amigo (1842, 1873, 1875, além do de 1891-93), o do seu professor e amigo de toda a vida Camille Saint-Saëns (de 1878) e o, coetâneo, de Théodore Dubois (1885-89).

A propósito do último *Requiem* de Gounod, diga-se que a sua composição é contemporânea da chamada ‘versão de 1893’ do *Requiem* de Fauré e que foi a última obra de Gounod (é um opus póstumo), tendo sido estreado em Março de 1894, no Conservatório de Paris e dada sete meses depois na Igreja da Madeleine (de que Fauré era organista titular), por ocasião dos funerais nacionais de Gounod que ali tiveram lugar, um ano exacto após a morte do compositor, sendo nessa ocasião a obra dirigida pelo próprio Fauré.

De compositores não franceses, eram já bem conhecidos nesta altura o *Requiem* de Verdi (1875) e o *Requiem alemão* de Brahms (1868) – este, embora, com características diferentes dos restantes.

E contudo, a obra de Fauré coloca-se num registo bastante diverso face aos demais *Requiem* oitocentistas, pois trata-se de uma obra que recusa deliberadamente o *pathos* da morbidez romântica, o dramatismo convencional e a influência da vocalidade operática. Em vez disso, ele vai ‘beber’ à tradição autóctone do chamado rito parisiense (ou ‘galicano’) das missas de defuntos, que remonta ao século XVI e da qual Eustache du Caurroy (1549-1609) foi, digamos, o fundador. Nesta tradição se filiam igualmente os *Requiem* de Jean Gilles (c. 1700) e de André Campra (c. 1730-40), que aqui referimos, pois se trata de obras que nos permitem perceber muito das opções textuais de Fauré (os textos que ele musicou e os que deixou de fora), assim como muito do clima anímico que preside à sua obra – ou seja: aquilo que torna o *Requiem* de Fauré diferente dos outros não surgiu do nada, antes foi beber a uma antiga e ilustre tradição francesa, que ele, um antigo e brilhante aluno da Escola Niedermeyer de música religiosa (que frequentou dos 9 aos 20 anos), conhecia bastante – além, claro está, do cantochão/canto gregoriano medieval e da polifonia renascentista/pós-tridentina, corporizada nas obras de Palestrina, que enformam a maior parte da escrita para vozes do seu *Requiem*.

Estes antecedentes explicam a ausência total da sequência do *Dies Irae*, com excepção do versículo conclusivo *Pie Jesu* (mas que Fauré coloca fora do seu lugar, transplantando-o estrategicamente para o centro – é a 4.ª das 7 secções da obra –, como ‘eixo’ da obra, e

musicando-o enquanto solo de soprano); isso explica também as mudanças textuais (e omissões) nos textos do *Ofertório* e do *Introitus*; e isso explica, finalmente, a inclusão, a concluir, do *Libera me* e do *In paradisum*, que pertencem aliás, não ao rito da missa de defuntos, mas aos ritos de deposição/sepultamento do corpo.

Por outro lado, e noutro plano, esses antecedentes explicam também o ambiente quase sempre tranquilo, pacificado e consolador da música, na qual predominam claramente as *nuances* dinâmicas *piano* e *pianissimo*, pois já em Campra e em Gilles era assim: a ênfase era posta na serenidade do descanso eterno, bem longe dos medos da morte, do Juízo Final e das penas eternas – e é curioso que essa tradição coincidissem, de resto, com a própria visão pessoal do fleumático Fauré sobre estes assuntos!

O registo é, pois intimista, dirigido a cada um de nós, individualmente, e aproximando a expressão musical e a retórica da oração íntima – da súplica – cantada.

A versão primitiva do Requiem – o chamado ‘petit Requiem’ (por lhe faltarem o *Ofertório* e o *Libera me* – data de 1887-88 e estreou em Janeiro de 1888, na Madeleine. A 2.^a versão – a chamada ‘versão de câmara’, já com as 7 partes definitivas – foi tomando corpo entre 1888 e 1890, tendo estreado igualmente na Madeleine, em Janeiro de 1893. Por fim, a versão sinfónica foi preparada (há fortes suspeitas de que a respectiva orquestração não é de Fauré, mas sim de Jean Roger-Ducasse) entre 1899 e 1900, tendo estreado em Julho deste último ano, no Trocadéro, no âmbito da programação da Exposição Universal de Paris, sob a direcção de Paul Taffanel.

Seria esta versão que se ouviria igualmente em Novembro de 1924, na Madeleine, por ocasião dos funerais nacionais em honra de Gabriel Fauré, falecido dias antes (no dia 4).

Bernardo Mariano
(musicólogo)

ÓPERA NA ACADEMIA E NA CIDADE

A Ópera na Academia e na Cidade (OAC), associação cultural sem fins lucrativos, nasceu em 2018, como resultado da experiência adquirida com o projecto de larga escala ‘Ópera no Património’ (2017-19), com o apoio de fundos europeus. Os pressupostos deste projecto mantiveram-se válidos na nova estrutura, ou seja: levar a comunidades situadas fora dos grandes centros urbanos concertos e espectáculos operáticos de nível profissional e elevados padrões artísticos.

Produziu e realizou: Rossini – Barbeiro de Sevilha; Henrique Silveira - Crepúsculo do Critico; Bizet – Carmen; Tchaikovsky – Eugen Onegin; Verdi – Traviata; Saint-Saëns – Sanção e Dalila; Puccini – Butterfly; Puccini – Tosca; Coros de Verdi; Antologia de Zarzuela; Verdi – Visitação à Ópera Rigoletto; Mozart – Visitação à Ópera Le Nozze di Figaro; Visitação à Ópera de Mozart; tal como dos concertos: Cuatro Estaciones Porteñas de Ástor Piazzolla; Concerto em Lá menor para piano e orquestra de R. Schumann; ‘Obras de Manuel Falla’; ‘De W. A. Mozart a Ástor Piazzolla’; ‘As Canções nos Salões da Corte Portuguesa’; ‘A Música e os seus Contextos’; Septeto em Mi bemol Maior de Ludwig van Beethoven; 4ª Sinfonia de Mahler, com orquestração de Ian Farrington; Sheherazade de Rimsky-Korsakov; Concerto para Clarinete em Lá Maior, K.622 de W. A. Mozart; Sinfonia n.º 40, em Sol menor, KV. 550 de W. A. Mozart; Porgy & Bess – Suite para Clarinete e Orquestra de George Gershwin/Frank Villard; West Side Story – Suite para Clarinete e Orquestra de Léonard Bernstein; Sholem-alekhem, rov Feidman! de Béla Kovács; Terzettino de Théodore Dubois; Suite Brève de Ladislav de Rohozinski; Sonata para harpa, viola e flauta de Claude Debussy; ‘Viagens pelas Danças da Europa’; ‘Poções e Paixões – A Química na Ópera’; ‘Ópera e outras Músicas’; ‘Divas do Jazz’; bem como das Oratórias de Pergolesi – Stabat Mater; Mozart – Requiem; Brahms – Requiem Alemão; Haydn – A Criação; Jenkins – Missa para a Paz; Verdi – Requiem; Visitação à Obra de Maurice Ravel; Saint-Saëns – Oratória de Natal; Dan Forrest – Jubilate DEO; Bach – Cantata de Natal; Mozart – Missa Brevis K.220; M.Falla – O Amor Bruxo; L. V. Beethoven – Missa em Dó Maior; e Michele Varriale – Meditazione di Natale (1ª audição em Portugal).

No plano pedagógico, pressuposto fundamental da sua atividade, colabora na realização de conteúdos operáticos, sinfónicos e camerísticos, estabelecendo pontes com as diferentes áreas do conhecimento, e participando em unidades curriculares no Instituto Superior Técnico e Faculdade de Medicina de Universidade de Porto.

A programação realizada (ópera, concertos e música de câmara) tem a colaboração de prestigiados solistas e maestros internacionais que integram as várias produções da Ópera na Academia e na Cidade. José Ferreira Lobo é o Diretor Artístico desde a sua fundação.

TOLEMIA'S CONSORT

Tolemia's Consort, desde os seus primeiros ensaios, tem-se esforçado por levar a música vocal *a capella* a diversos públicos. A sua estreia como grupo ocorreu na Igreja Paroquial

de Vilanova de Arousa em 2020, um evento que marcou o início de uma série de atuações. Nesse mesmo ano, o grupo apresentou-se nas Ruínas de Santa Mariña, em Cambados, e na Igreja de São Vicente do Mar, em O Grove, consolidando a sua reputação na cena musical local.

O repertório do grupo é vasto e diversificado. Entre os seus projetos mais destacados encontra-se “Jazz ad Caelum”, que inclui a Missa Brevis de Will Todd, e a estreia da Ave Maria do compositor galego J.L. Sanz, em maio de 2023. Outra das suas propostas foi “Shining Night”, que reúne uma seleção de repertório religioso e onde teve especial destaque a cantata gospel “Joy” de Joel Raney.

Os objetivos de Tolemia’s Consort são claros: continuar a explorar e a divulgar a música vocal, coral sinfónica e operática, colaborar com artistas e grupos afins, e continuar a crescer e a aperfeiçoar a sua arte. O seu entusiasmo e dedicação levam-nos a procurar novos limites, oferecendo atuações com uma forte ligação emocional e partilhando a beleza da música com o público.

SONIA BOUZADA PÉREZ

Mezzo-soprano nascida em Pontevedra.

Em 2017, obteve a Licenciatura em Música Antiga, na especialidade de Canto Barroco, na ESMAE – Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo, sendo aluna da professora Magna Ferreira.

É titulada no grau superior de Solfejo, Teoria da Música, Transposição e Acompanhamento, bem como no grau superior de Piano.

Desde 2020, funda e dirige o grupo vocal Tolemia’s Consort.

Atualmente, recebe formação em técnicas de direção com o Maestro José Ferreira Lobo.